

Semiologia e Linguística

Material Complementar

Prof. Carolina Tomasi

Projeto de Saussure: “on peut donc concevoir une Science qui étudie l’usage des signes au sein de la vie sociale... nous la nommerons sémiologie (du grec séméion “signe”) (Saussure, 1972, p. 33).

A aprendizagem, a conservação, a transmissão da cultura realizam-se através de uma grande variedade de práticas sociais.

Objeto semiótica: estudo dos sistemas de signos, quaisquer que eles sejam e quaisquer que sejam as suas esferas de utilização, no seio da vida social. Assim, a semiótica não estuda nenhum tipo de “realidade natural”, mas sim a “realidade cultural” de todos os tipos de sistemas sógnicos que o homem construiu ao longo dos séculos: os mitos, os quadros, as peças musicais, modas indumentárias, literatura etc. O pensamento cultural estaria, pois, mediado pelos signos.

Saussure insiste no caráter essencialmente semiológico do problema linguístico.

Semiologia, para Barthes, seria a ciência das grandes unidades significantes do discurso: (e essa definição está bem próxima da semiótica).

Semiótica = estudo das práticas significantes que tem como domínio o texto.

Objetivo:

- Deseja ser uma teoria geral dos modos de significar.

Percurso da disciplina:

Locke – primeiro a usar o termo 1690.

O termo semiótica, no seu emprego moderno, foi utilizado primeiramente por Charles Sander Peirce.

Charles Sanders Peirce (1839-1914) - Torna-se disciplina independente com a obra do filósofo. Confunde-se com a Lógica.

A semiótica que ele vislumbrou é a doutrina dos signos.

Indagação de Peirce:

Quais devem ser as características dos signos utilizados pela inteligência humana na sua busca científica? Peirce indaga: “Nunca me foi dado estudar o que quer que fosse – Matemática, Moral, Metafísica, Gravitação, Termodinâmica, Óptica, Química, Anatomia Comparada, Astronomia, Psicologia, Fonética, Economia, História das Ciências, homens e mulheres, vinho, Metrologia -- a não ser como estudo da semiótica”. Os escritos de Peirce são variados quanto os objetos enumerados; não há uma obra delineada que resume a grande linha de sua doutrina. Noções de ícone (foto de João – representação de João; mapa de São Paulo – representação da cidade), índice (fumaça índice de fogo; nuvem índice de chuva) e símbolo (cruz – cristianismo; balança – justiça;). Segundo ele, os sistemas sîgnicos dividem-se em três pontos de vista:

- Relação inter-sîgnicas: signo-signo: estudo da função sintática.
- Relação signo e objeto: relação do signo enquanto veículo de informação para com o seu *denotatum*: estudo da função semântica.
- Relação signo e destinatário: função pragmática.

Esforço de construção da semiótica:

1943 – **Eric Buysens** – esforço de construção da semiótica em *As linguagens e o discurso*. Ele é mais funcionalista : “um sistema é organizado por sua sintaxe”.

Na mesma época os escritos dos representantes da linguística estrutural levam em conta a perspectiva semiológica e buscam precisar o lugar da linguagem no seio dos demais sistemas de signos: Sapir, Trubetzkói, Jakobson, Hjelmslev, Benveniste.

As artes e a literatura atraem particularmente a atenção dos primeiros semioticistas. Texto fundador: “A arte como fato semiológico”, de Jan Mukarovsky, um dos membros do Círculo Linguístico de Praga. O estudo das Artes deve tornar-se uma das partes da Semiótica. No texto ele tenta definir a especificidade do signo estético: trata-se de um signo autônomo (não mais apenas mediador de significação).

“Toda obra de arte é um signo autônomo”.

Após Segunda Guerra Mundial:

Na França, sob o impulso de Claude Lévi-Strauss, R. Barthes e A. J. Greimas, desenvolveu-se os estudos na área de semiótica e de semiologia.

1969- Publicação da revista *Semiótica* da Associação Internacional de Semiótica.

Estado da disciplina Semiótica:

Ainda hoje continua perpassando a ideia de que a Semiótica é mais um projeto do que uma ciência constituída. Há muita polêmica ainda sobre seus princípios e conceitos fundamentais.

Do lado de Peirce: fundamenta-se nos signos não linguísticos. No Brasil, letras da PUC e a maioria dos cursos de arte do Brasil e do mundo.

Do lado de Greimas: viés saussuriano. Parte da linguagem, correndo o risco de impor-se a fenômenos diferentes o modelo linguístico (maior polêmica ainda vigente). **Crítica:** caráter redutor da semiótica, pois que se baseia em categorização. Há pensadores que reforçam que de nada adiantaria ao conhecimento reconhecer nos objetos de estudo (cinema, poesia, quadro) a junção de significante e significado; sintagma e paradigma.

Problemas a enfrentar no embate com outras disciplinas (literatura, artes plásticas e artes em geral):

-- diante de um quadro, por exemplo, para a semiótica de linha francesa, o objeto só pode ser conhecido em termos linguísticos, jamais tratando de outra coisa que não da significação com base nas relações entre PE e PC.

Crítica de Greimas e de Julia Kristeva à teoria de Peirce

Greimas, mentor da semiótica de linha francesa, apoia-se em Saussure – necessidade de conceber “uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social”.

1. A semiótica de Peirce teria o “defeito” de se preocupar, além do signo, com um produto de tipo “secundário”, seja quando este produto se reveste de uma forma de valor (moda, por exemplo) ou de uma retórica (literatura, “expressão” de um sentimento”).

2. A semiótica de linha saussuriana tem como base epistemológica resguardar-se e destacar o signo linguístico e o ato semiológico (relação entre plano de expressão e plano de conteúdo) nos textos.
3. Conforme a *semanálise* de Kristeva a semiótica difundirá as sistematizações linguísticas, bem como os modelos lógicos ou matemáticos. Para Kristeva, a semiótica deveria apoiar-se numa ciência sobre o sujeito e sobre a história.
4. Derrida recusa a problemática do signo como fundamento da *semanálise*.
5. Reformulando-se em relação às ciências, postula-se como metaciência, já que assume a posição de observadora dos sistemas significantes. A semiótica, pois, visa aos modos de significação. Nesse sentido, a semiótica propõe-se a estudar o texto como prática significante, entendendo o texto como unidade significante: filme, quadro, poema, romance, moda, canção, música etc.
6. Dependendo da linha de pesquisa, as questões colocadas serão bastante diferentes.

Semiótica no Brasil

PUC: Peirce (Letras); greimasiana na comunicação – Ana Claudia de Oliveira e Eric Landowski

UNICAMP: Análise do Discurso – Sirio Possenti

UNESP: Araraquara – Semiótica greimasiana está dentro dos Estudos Literários

UNESP: Bauru – Semiótica greimasiana está dentro da Comunicação

UFF: Semiótica está restrita ao SEDI (Grupo de Pesquisa em Semiótica e Discurso), certificado no Diretório Nacional de Grupos de Pesquisa do CNPq, está sediado na Universidade Federal Fluminense e conta com pesquisadores de quatro universidades federais (UFF, UFRJ, UNIRIO, UFT), além de estudantes de doutorado, mestrado e iniciação científica das áreas de Letras e Comunicação Social.

Ceará: Prof. Dr. José Américo e Prof. Dr. Ricardo Leite Lopes

Mato Grosso: Prof. Dr. Geraldo Martins

Universidade Federal de São Carlos: Profa. Dra. Mônica

USP- Semiótica encontra-se dentro do Departamento de Linguística

ECA – Semiótica de linha russa- Prof. Dr. Irene Machado

Semiótica greimasiana no mundo

Paris – Denis Bertrand

Limoges – Zilberberg (Semiótica Tensiva); Ivan Darrault

Bélgica – Grupo μ ; Maria Giulia Dondero e Semir Badir

Portugal – Isabel Marcos

Grupo de Bogotá – pequeno

Italiana – Bologna (Francesco Marsciani; Patrizia Violi) e Padova – Romeo Galassi – glossemática - dentro da filosofia da linguagem; Roma (Isabella Pezzini; Franciscu Seda)

Professores da USP – linhas de estudo

Prof. Dr. Ivã – teoria, objetos diversos e semiótica tensiva

Profa. Dra. Norma Discini – interface com a Análise do Discurso, semiótica greimasiana

Prof. Dr. Waldir Bevidas – semiótica tensiva; epistemologia

Prof. Dr. Luiz Tatit – semiótica tensiva; semiótica da canção

Prof. Dr. Antonio Vicente – semiótica tensiva; semiótica visual

Prof. Diana Luz Pessoa de Barros – teoria, objetos diversos e semiótica tensiva; semiótica gestual

Apresentação da teoria greimasiana

Percurso gerativo do sentido (influência de Lévi-Strauss, de Vladimir Propp, da teoria da enunciação de Émile Benveniste): vai do nível mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Referência ao texto de Propp e Lévi-Strauss.

“A repetição possui uma função própria, que é a de tornar manifesta a estrutura do mito. [...] Todo mito possui, portanto, uma estrutura folheada que transparece na superfície, por assim dizer, no e pelo procedimento de repetição” (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 247).

“Nos casos citados [o dos contos maravilhosos] encontramos grandezas constantes e grandezas variáveis. O que muda são os nomes (e, com eles, os atributos) dos personagens; o que

não muda são suas ações, ou *funções*. Daí a conclusão de que o conto maravilhoso atribui frequentemente ações iguais a personagens diferentes. Isto nos permite estudar os contos *a partir das funções dos personagens diferentes*” (PROPP, 1984, p. 25).

Esquema de Propp (p. 27 ss):

- I- As funções dos personagens (31 funções: p. 31-61) formam as partes constituintes básicas do conto.
- II- O número de funções dos contos de magia conhecidos é limitado.
- III- A sequência das funções é sempre idêntica.
- IV- Todos os contos maravilhosos são monotípicos quanto à construção.

Crítica de Lévi-Strauss a Propp (In: PROPP, p. 196):

“[...] essa classificação em quatro categorias nos deixa praticamente tão longe dos contos reais quanto a categoria única, pois cada uma compreende ainda dezenas ou centenas de contos diferentes. [...] O que dizer, senão que as categorias morfológicas não esgotam a realidade, e, que após ter banido o conteúdo dos contos considerando-o impróprio para fundar uma classificação, reintegram-no porque a tentativa morfológica abortou?”

Referência específica:

LÉVI-STRAUSS. “A estrutura e a forma”: reflexões sobre uma obra de Vladimir Propp. In: PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

LÉVI-STRAUSS. “A estrutura dos mitos”. In: _____. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

Greimas na década de 1970: “A enunciação (uma postura epistemológica)”. In: *Significação*, n. 1, ago. 1974.

Émile Benveniste ([1974] *Problemas de linguística geral II*, p. 81-90): O aparelho formal da enunciação.

Percurso gerativo do sentido: proposta de Greimas

A. Nível fundamental: Mais simples e abstrato. Nível das estruturas fundamentais: nele, surge a significação como oposição semântica mínima. Bebeu em Lévis-Strauss. Exemplos: Natureza e cultura; vida e morte.

B. Nível narrativo ou das estruturas narrativas: organizam-se as narrativas do ponto de vista de um sujeito. Bebeu em Propp.

Etapas do nível narrativo: as etapas são encadeadas logicamente

Trajetória do sujeito:

1. Contrato estabelecido entre Destinator, fonte de todos os valores (inclusive os modais que dotam o sujeito de competência necessária para a realização da *performance* na narrativa), e Destinatário sujeito.
2. Instaure-se uma falta ao sujeito (busca do objeto) = querer e/ou dever. Manipulação pelo Destinator:
 - a. **Tentação:** se você comer tudo, te levo pra passear (mamãe falando com o filho); objeto tem valor positivo.
 - b. **Intimidação:** coma tudo, senão levará umas palmadas (mamãe do século passado falando com o filho); objeto de valor negativo.
 - c. **Provocação:** Duvido que você consiga carregar todo esse peso aí (marido falando com a mulher... botando à prova a força da mulher, que é combatente do machismo na sociedade); imagem negativa do sujeito.
 - d. **Sedução:** Você é tão inteligente, você vai me ajudar aqui nesse exercício de matemática, não é? Imagem positiva do sujeito.
3. Aquisição de competência (saber e poder): Programa narrativo modal.
4. Presença do **antissujeito** (contribuições dos estudos das paixões na semiótica e da semiótica tensiva de Zilberberg)
5. Performance: execução das exigências contratuais aceitas pelo sujeito. Programa narrativo de realização.
6. Sanção: positiva ou negativa.

C. Nível discursivo: mais concreto. A narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

Sintaxe discursiva: efeitos de proximidade e de distanciamento da enunciação.

Exemplos:

- Debreagem enunciva: terceira pessoa; efeito de distanciamento.
- Debreagem enunciativa: primeira pessoa; efeito de proximidade.

Semântica discursiva:

- Tematização: percurso temático, coerência semântica, redundância dos traços. Exemplo: tema da liberdade em um poema.
- Figurativização: investimentos figurativos para um tema. Figuras da rua, da boemia para revestir o tema da liberdade.

Exercício de leitura: poema “A mosca azul”, de Machado de Assis

Enriquecimento da análise: semiótica das paixões e semiótica tensiva.

Riscos de análise/problema: como enfrentar o problema do conhecimento enciclopédico/conhecimento de mundo? Pode esse ser considerado um entrave às bases epistemológicas da semiótica?

Leitura do poema em sala de aula.

O poema divide-se em três partes:

Primeira parte – até a quinta estrofe [em active]

Segunda parte – da estrofe 6 (momento de 1ª transformação na narrativa – encanto) até a estrofe 11 (encanto sujeito se vê com poder – vaidoso de si) [cada vez mais recrudescimento]

Terceira parte – da estrofe 12 até 16 (momento de 2ª transformação na narrativa – captura da mosca até a loucura do sujeito).

Três etapas do Percorso Gerativo:

1. Mais simples e abstrata: Nível fundamental ou das estruturas fundamentais: nele surge a significação como oposição semântica mínima. Bebeu em Lévis-Strauss. Exemplos: Natureza e cultura; vida e morte.

Em “A mosca azul”:

Natureza (mosca, a beleza da vida)

Cultura (ciência, o conhecimento; morte)

Não cultura

Não natureza

Trajetória do nível fundamental: Natureza (admiração da beleza da mosca) → não natureza (“fecha mão” para prender a mosca) → **Cultura** (“alvorçado chega, examina, e parece / que se houve nessa ocupação / Miudamente, como um homem que quisesse / Dissecar a sua ilusão”). Final do percurso do nível fundamental: cultura, dissecar a mosca.

2. Nível narrativo ou das estruturas narrativas: organizam-se as narrativas do ponto de vista de um sujeito. Bebeu em Propp.

Manipulação: **Destinador positivista** (pelo conhecimento enciclopédico, Machado escreveu no final do século XIX, berço do positivismo. Ele ironiza a petulância do homem que deseja conhecer tudo pela ciência. Nesse sentido, ele vai na contracorrente da literatura que ser quer científica, a dos realistas como Émile Zola). O sujeito que deseja dissecar a mosca é manipulado por um querer conhecer/descobrir o mistério; saber e um poder. Poder é dado quando ele apreende a mosca para examiná-la. Saber é pressuposto, ou seja, se ele se considera superior e capaz pela saber de examinar a mosca para descobrir-lhe a “refulgência”. Todavia, ele tem uma performance frustrada. A chegada da sanção é veloz.

Sujeito em busca de um valor (conhecimento). Conhecer o “refulgir” da mosca azul”, ou seja, conhecer o encanto daquele ser extraordinário, que o levava para mundos de sonho.

Paixão da curiosidade e da vaidade pelo poder (desdobramento da semiótica).

1º estado: disjunção do conhecimento do refulgir da mosca
sujeito sem o objeto.

2º estado: sujeito entra em conjunção com o objeto: quando ele
prende a mosca com a mão.

3º estado: sujeito novamente em disjunção com objeto: ao examiná-la
miudamente dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ela, / rota,
baça, nojenta, viu, / sucumbiu; e com isso esvaiu-se-lhe aquela / visão
fantástica e subtil.

Assim, o sujeito entrou em conjunção momentânea com o objeto
perseguido e logo em seguida por causa de sua performance entra em
disjunção com o objeto.

Sanção:

Hoje, quando ele aí vai de aloé e cardamomo/ Na cabeça, com ar
taful, / Dizem que ensandeceu, e que não sabe como / Perdeu a sua
mosca azul

Sujeito, ávido por descobrir o mistério da mosca azul, acaba por
enlouquecer, ou seja, o excesso da racionalidade e objetividade
científica pode encaminhar o sujeito para a irracionalidade (a loucura).

3. Nível discursivo: mais concreto. A narrativa é assumida pelo sujeito da
enunciação.

Sintaxe discursiva: efeitos de proximidade e de distanciamento da
enunciação.

Debreagem enunciativa: terceira pessoa; efeito de distanciamento.

Debreagem enunciativa: primeira pessoa; efeito de proximidade.

Semântica discursiva:

Tematização: percurso temático, coerência semântica, redundância
dos traços. No poema “A mosca azul”: Tema do examinador ou do
cientista (“dissecador”).

Figurativização: investimentos figurativos para um tema:

No poema, a mosca é um objeto de observação do poleá (indivíduo
plebeu de casta inferior). A mosca figurativiza o tema do mistério. Ela

é bela, encantadora. Como a mosca fala, tem características humanas; daí estarmos no campo do poema-fábula.

Poema em terceira pessoa. Embora o enunciador tenha optado pela terceira pessoa para obter o efeito de sentido de distanciamento, neutralidade e objetividade, como quer a ciência, vocês acreditam que é possível manter-se afastado do objeto?

É por meio da sanção que Machado de Assis mostra os dentes. Apossando-se do conhecimento teria acesso a um império, poderia tudo. Império figurativiza o poder. O enunciador revela-nos que o homem pode conhecer pela ciência, mas não pode ter acesso a todos os mistérios (da arte, principalmente, porque quando faz dela um objeto científico como queria Zola, ele simplesmente destrói seu objeto estético).

Referências bibliográficas

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria semiótica do texto. São Paulo: Ática, 1990.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- BENVENISTE. Problemas de linguística geral II. 2 ed. São Paulo: Pontes, 2006.
- DUBOIS, Jean et. al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- DUCROT, Oswald; TZVETAN, Todorov. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FABBRI, Paolo; MARRONE, Gianfranco. *Semiotica in nuce*. Roma: Segnature, 2002.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. *Introdução à linguística I e II*. São Paulo: Contexto, 2003, 2007.
- GE, Luiz. *Território de bravos*.
- GREIMAS, A. J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- MUKAROVSKY, Jan. *Escritos sobre estética e semiótica da arte*. Lisboa: Estampa, 1988.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente. *Análise do texto visual: a construção da imagem*.
- PIGNATARI, Decio. Informação. Linguagem. Comunicação. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- _____. *Semiótica & literatura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004b.
- _____. *Semiótica da arte e da arquitetura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004a.
- PROPP, Vladimir I. Morfologia do conto maravilhoso. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 1996.
- Significação*, n. 1, Homenagem a A. J. Greimas. Agosto de 1974.
- TODOROV, Tzvetan. I formalisti russi: teoria della letteratura e metodo critico. Torino: Einaudi, 2003.
- TOMASI, Carolina. *Elementos de semiótica: por uma gramática tensiva do visual*. São Paulo: Atlas, 2012.